



Gaiato

AVENÇA

Quinzenário * 2 de Agosto de 1975 * Ano XXXII — N.º 819 — Preço 2\$5

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Director: Padre

TRIBUNA de COIMBRA

A Palavra do Senhor que hoje nos foi dada a reflectir é o episódio do paráltico há 38 anos esperando, junto à piscina, que alguém amigo o descesse no momento em que a água era remexida.

Jesus aproxima-se e dialoga com aquele homem. Porque é Libertador autêntico faz uma ultrapassagem ao que era normal. Não espera pelo remexer da água para nela mergulhar o paráltico, mas manda-o tomar a enxerga e ir para casa. E o paráltico que há tanto esperava por aquela hora, confia e caminha radiante. No caminho é interpelado por outros homens e não esconde a sua libertação e seu Libertador. Interpelado também pelos cumpridores das leis, aquele homem arrisca-se e não nega Quem foi que o libertou.

Olhando à nossa volta, nós encontramos homens paráliticos há muito, esperando a libertação: homens sem liberdade, homens sem trabalho, homens sem saúde, homens sem família, homens sem amor, homens sem casa, homens sem personalidade.

Jesus-Libertador está a passar neste momento pela piscina da nossa sociedade e procura dialogar com todos os que esperam a hora da Libertação. Jesus, porque é Libertador, quer dialogar e ouvir de cada homem as suas esperanças. Aceita e respeita a liberdade de cada um.

E Jesus Cristo-Libertador passa também em cada homem que procura libertar o outro homem. Homens libertadores que só o serão autenticamente quando o fizerem por amor: homens descomprometidos. Homens descomprometidos de tudo aquilo que possa embaraçar a sua liberdade.

Padre Horácio

«O LODO e as ESTRELAS»

Está pronto!

Agora, é o moroso trabalho da expedição: sacos endereçados, cartão cancelado, Elísio a comandar e Sabino, «Faneca», «Campanera» e outros a embalar.

Vá lá, os CTT recuaram! Segundo informação oficial, até Setembro aceitarão «O Gaiato» e todos os jornais sem cinta. E porque não sempre, no que toca aos exemplares destinados ao interior do País?

A presente facilidade é uma boa ajuda para a arrumação de «O LODO E AS ESTRELAS»!

Já têm aparecido Leitores com requisições que, não há dúvida, são testemunhos de amizade impar. E pagamentos adiantados! «Eu quero receber, sempre, todos os livros da vossa Editorial» — afirma um deles.

A reedição, aumentada, de «O LODO E AS ESTRELAS»

do nosso Padre Telmo é um acontecimento notável. Um emocionante testemunho da real odisseia dos Trabalhadores, cuja força produtiva — caldeada de injustas carências, desumanas, imerecidas — levantou portentosas barragens que nos dão luz e energia, sim, mas onde muitos tombaram para sempre como autênticos Mártires...!

«O LODO E AS ESTRELAS» é um monumento cristão a estes Heróis, alguns dos quais chegaram a erguer as paredes mestras de Cambambe.

Dividido em duas partes, a primeira insere retratos do calvário do Manuel, do Araújo, do Marteleiro, do Lagares, no extremo ocidental da Europa; de quantos foram marginados pelo grande capital e, sobretudo, pelas leis.

A segunda parte é dedicada a

A Verdade e a razão não brotam da força física. Mais, ninguém tem o exclusivo da inteligência e da sabedoria. Confrange-nos, pois, constatar que pequenos grupos, em nome da democracia, pretendam o exclusivo da capacidade de raciocinar e de resolver os problemas que a todos dizem respeito, numa afirmação confrangedora de orgulhosa auto-suficiência. Espectáculo não menos doloroso é a constatação dos atestados de menoridade passados a torto e a direito ao Povo que se pretende dignificado, como se de um menino se tratasse, enquanto, por outro lado, paradoxalmente, se apela para o seu bom senso e compreensão e para as suas virtudes e qualidades.

Ajudar e promover, sem paternalismos ou coações, supõe que não busquemos substituir-nos aos outros, impedindo o seu sentido crítico e a sua livre e espontânea adesão. Formar adultos significa educar para a liberdade de escolha entre as várias opções possíveis. É que o princípio basilar da educação dos homens livres é de essência emocional. E o rumo formativo mais útil reside na capacidade de emocionar cu, como dizem os pedagogos modernos, de emocionar-

Angola. São documentos preciosos! Diário de um sacerdote que se faz tudo para todos — como discípulo do Mestre — sem olhar a raças, cores, ideologias, religiões. Quadros vivos de Cambambe e do Cuanza; do Kamboko, Chico, Contratados, Kinvula, Muhongo, Leprosos, Mãe Chimina e mais e mais — tanto!

O Gólgota e o advento da Redenção!

«O LODO E AS ESTRELAS» é poesia real de terra sovada; não para declamar, mas para digerir d'alma aberta, capaz de «uma vivência que avive um pouquinho o amor pelos Outros».

É mais uma lucerna a apontar ao mundo o evangélico Caminho da Libertação dos Pobres e Oprimidos.

Júlio Mendes

Ajudemos a escolhe

se. O singrar passivamente pelos trilhos marcados por outrém é amestramento. Educação autêntica realiza-se por um activo transformar-se por querer, por gostar. Fomentar ou despertar este desejo, mesmo antes de fornecer os meios de realizá-lo e de facilitar os trabalhos pessoais necessários para a sua consecução é o que deve proporcionar-se em boa didáctica. Ao contrário encontrar-nos-emos ante situações lesivas da dignidade humana.

Libertar os Oprimidos é tarefa ingente de todos e não de alguns. E se os preliminares da liberdade — o pão, a saúde, a habitação, o trabalho

e a informação — são dados à partida, pelos opostos ou sofismas de falsos auto-proclamados profetas redundará em opressão em caos. Ajudemos o Povo a escolher os seus caminhos mas respeitemos o seu direito de decisão, que se fundam no que é dom infinito de Deus, a liberdade. E se a verdade e a razão não brotam da força física, muito mais da mente daqueles que julgam presunçosamente minados, como que detentores de um monopólio. O poder e o mando só pode trazer tirania e a infelicidade. História.



Piscina da Casa do Gaiato de Paço de Sousa. E eles a tomar banho — alegria. Muitos dos quais ajudaram a construí-la. Mais sabor! Mais alegria. Obra deles, para eles, por eles.

PELAS CASAS DO GAIATO

TOJAL

No dia 29 de Junho, realizou-se na paróquia em que estamos integrados a imposição do Sacramento da Confirmação, o Crisma.

Esta cerimónia contou com a presença de Sua Eminência o Cardeal Patriarca de Lisboa e a ela assistiram inúmeros fiéis vindos de várias localidades das redondezas.

Na sua homilia, D. António teve oportunidade de chamar a atenção de cada um de nós, cristãos, para a importância da sua vida como exemplo de «sal que salga».

Cada um deve ser, como cristão, outro Cristo. Por conseguinte, não pode ou não deve limitar-se à análise interior da sua vida com a respectiva melhoria, mas exteriorizar essa melhoria para que possa assim mostrar aos outros que grande é a Graça do Senhor e a Sua importância.

Explicou, em seguida, o significado do Crisma. Cada crismado passaria a identificar-se como apóstolo, pois, à semelhança dos Doze, ia receber o Espírito Santo.

No final da cerimónia onviu-se novamente o nosso Patriarca, agora para apelar à colaboração dos paroquianos com o seu pároco, para louvar o trabalho deste e ainda para agradecer à Casa do Gaiato parte que lhe coube na restauração da igreja.

À saída quase todas as pessoas se encaminharam para um salão onde as esperava uma saborosa merenda com que se encerrou mais uma festa dos filhos de Deus.

Jorge Cruz

A Venda do Jornal no Norte do País

É a primeira vez que escrevo para o «Famoso».

Para começar, vou dizer os nomes e os locais percorridos pelos vendedores do nosso Jornal.

«Campanera», praça da Batalha; «Toupeira», sábado na igreja das Almas e domingo nos Congregados, mais o Rui; «Fanecca», no Carmo e sábado e domingo no Bonfim; «Algarvio» em Matosinhos e «João Ratão», Antas; «Tiroliro», Campanhã; Maurício, igreja das Almas, no domingo; «China», Marquês; Morgado, V. N. de Gaia; Rui, sábado nos Correios da Batalha e domingo nos Congregados; Mendão, Mercado do Bom-Sucesso e igreja da Trindade; Jorge, sábado no Carmo e domingo na Lapa; «Melão», na Póvoa de Varzim; «Spinola», nos bairros da cidade e domingo na Trindade. «Vinte e cinco de Abril» despacha muitos jornais na zona dos Carvalhos.

Agora, com o aumento do preço do jornal, houve algumas pessoas que, na brincadeira, disseram que, por isso, iam deixar de ficar com o «Famoso». Os nossos Amigos também gostam de brincar!

Outros perguntam se comemos bem. Pois claro que comemos!

Afinal, ainda não disse nada do «Riera»: Vai para a Boavista. «Melancia», para Aveiro; «Sete e quinhentos», Amarante; «Girassol», Viana do Castelo; Alberto, bate o Palácio de Cristal ao sábado e no domingo a Lapa. «François», Praça D. João I; «Papagaio» tem à sua conta o bairro de Miragaia; «Aspirina», S. Mamede de Infesta.

Um abraço para todos os nossos Leitores do

«Fanecca»

Mais uma vez me dirijo aos meus estimados Leitores para falar um pouco do meu trabalho em Braga.

Quinzenalmente levo 200 jornais, como já disse o Morgado no anterior «O GAIATO». E despacho-os com muita facilidade.

Se os meus amigos bracarenses ajudarem, pode ser que passe a levar mais alguns...

Despeço-me com abraços para os meus queridos fregueses e todos os bracarenses amigos da nossa Obra.

«Rouxinol»

PAÇO DE SOUSA

CONVIVER É LUTAR — O convívio deve ser um testemunho de alegria durante as 24 horas do dia. E cada um dos homens tem direito à Esperança. Jesus foi sempre um sinal de Esperança.

Nós, os jovens, somos uma força terrível para o mundo de hoje. Somos capazes de denunciar as injustiças e o mal.

O segredo da nossa força está em descobrir um Homem vivo, de Luz clara, que é Cristo.

O segredo da transformação do mundo está em nós...

Essa transformação começa dentro de nós, se formos capazes de substituir a palavra ódio por amor, a palavra guerra por Paz. Talvez conseguíssemos chegar à meta final...

Temos de nos sentir iguais uns aos outros. Não pode haver egoísmo entre os homens. Só assim poderemos unir e fazer uma roda de verdade com as mãos dadas, com as mãos agarradas ao amor. Teremos as mãos dadas, sem ódio nem espingardas ou rancor, pois queremos a paz, a vida, o amor e acima de tudo a compreensão.

Fernando Tinoco

LAVOURA — O milho está uma categoria! Estamos muito interessados no desenvolvimento da produção ou, como agora se diz, entrámos na batalha da produção. O nosso milho promete boa colheita, o mesmo sucedendo às uvas. Teremos farta vindima, se Deus quiser.

A monda das ervas ruins nos batatais foi feita pela Comunidade e até pelo sr. Padre Carlos que entrou numa expressiva fase de revolução cultural.

TELESCOLA — Do 1.º ano quase todos passaram à fase seguinte.

Quanto ao 2.º ano, dos 28, reprovaram dois, nove foram a exame e os restantes dispensaram.

OBRAS — A casa-mãe está a ficar espaçosa e moderna! A nova cozinha, prestes a funcionar, tem apetrechos muito acessíveis.

AZURARA — O 1.º turno, em que estão incluídos os mais pequeninos, está prestes a concluir as férias.

Depois, prosseguirá o 2.º turno percentente à casa 4 de cima.

16 DE JULHO — Este é um dia muito especial para nós. Devemos sentir uma grande gratidão por quem nos salvou: o Pai Américo. Todos nós sabemos que o espinho da ingratidão é aquele que mais fere... Que ele, no Céu, se lembre — como se lembra de certeza absoluta — de nós, pois dele continuamos a precisar. E sempre!

Manuel Amândio

Marinhas

*Aguas mansas que falam...
Barcos escutam... baloiçando.
Meninos brincam ao vento
E castelos vão erguendo... a sonhar.
Homens e trabalho árduo...*

Tudo é urgente.

*Barcos carregados,
Punhos fortes e queimados
Do sol doirado.
Silêncio fúnebre sobrevive
Na alma da gente!
Oh! ondas brancas de espuma
Tragam-nos horas de Esperança,
Anos que pareçam dias.*

Tudo é urgente.

*Pôr-do-sol ilumina a praia,
Gaivotas a grasnar.
Mulheres esperam de manhã à noite
O regresso dos maridos
Do outro lado do mar.*

Manuel Amândio

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

LACUNAS — Publicámos, no princípio do ano, com muito gosto, um despacho superior que arrumaria progressivamente os atrasos na concessão de benefícios do Seguro Social.

Até hoje, porém, salvo uma imperceptível reformulação de papelada, tudo o mais continua como dantes, atrasado!

Temos em mãos o caso de uma Viúva, jovem, que, não fosse o amparo da Mãe, naturalmente insuficiente, e a nossa partilha sem medida — oh desgraça!...

O Ministério, as repartições, sabem ou não sabem que é assim? Qual o motivo porque protelam as soluções? Serão precisos técnicos ou técnicas especialíssimas de racionalização?

Como sucede a todas, esta Viúva receberá, lá para diante, não se sabe quando, uma catrefa de contos, que, se não forem bem geridos, serão iguais a zero.

Nem todos os Pobres têm o sentido do equilíbrio. Nós temos já uma tarimba que nos obriga, em casos deste género, a pressionar Viúvas a abrir conta na Caixa Económica — por mor das tentações... e até dos próprios contos do vigário...

E que dizer da história do subsídio de funeral (e outros)?

Se há uma Caixa Nacional de Pensões, para benefícios de sobrevivência, qual o motivo porque não centralizam todos os ditos logo à morte do beneficiário?!

Continuamos a dispersar esforços, tempo, dinheiro — o nosso dinheiro! — hatendo a duas portas simultaneamente: Caixas de Previdência e Caixa Nacional de Pensões!!

Até quando?

MAIS UMA OBRA — Ela é Viúva, há muitos anos. E já criou filhos da Roda.

Vive numa casa exígua, quase sem as mínimas condições...

Nós subemos do velho desejo desta mulher por um anexo, que servisse de tudo..., até para criar os seus

bichos. Mas... o eterno *mas* dos Pobres!

— Não sei como é que esta gente pode viver assim! — afirmaram-nos hoje, com um certo pesadelo. Não sei! Coelheira, galinheiro, tanta bicharada na cozinha! Ali, onde devia haver o mínimo de limpeza!! Nós temos de botar a mão. Imediatamente!...

E hotámos.

Vão ser uns contos de réis. Que importa?! O sofrimento desta Viúva, ao longo de tantos anos, é o grande alicerce, a parede mestra desta obra. E tudo o mais virá por acréscimo — Deus o quer.

— Ela gosta que a gente veja tudo, tudo! Obrigou-nos a ir ver o seu quintal, lá no cimo do monte. Espiollámos as batatas, as abóboras, as couves, tudo.

Vamos arrumar com mais uma corte na cozinha! Aliás, temos motivado outros, por carências semelhantes, com êxito. Não de paleio. Nós vomitamos o paleio do demagogo. Prefaríamos «fazer e... dizer» — na linha de Pai Américo. É mais cristão. Mais lógico. Tudo o resto são processos alienantes, que geram alienação.

Vomitamos os demagogos, sim senhor!

Não basta cheitar a trampa das galinhas e dos coelhos e dos porcos — e cantá-la aos quatro ventos. Não basta sofrer com os que sofrem ou chorar com os que choram. É preciso fazer, fazer, fazer!

Vamos fazer mais uma obra, pequenina, indispensável à reconstrução deste País.

RECEBEMOS — Os nossos Amigos acodem sempre na hora própria. Graças a Deus!

Qualquer problema ou carência revelados despertam logo um sentido de partilha. Não só d'ordem material, mas, também, d'ordem espiritual; *capital* que não se desvaloriza e resiste a todas as situações...

À frente, segue um octogénio de Belas com «a insignificante e pequeníssima quantia de 20\$00 para aliviar a triste situação do *Se Zé*». Esclarece, ainda, estar chá seis meses quase impossibilitado de sair de casa e sempre sofrendo mais ou menos, com grandes contas na farmácia, o que me impede de enviar agora dez ou cem vezes mais, como desejaria» — acentua.

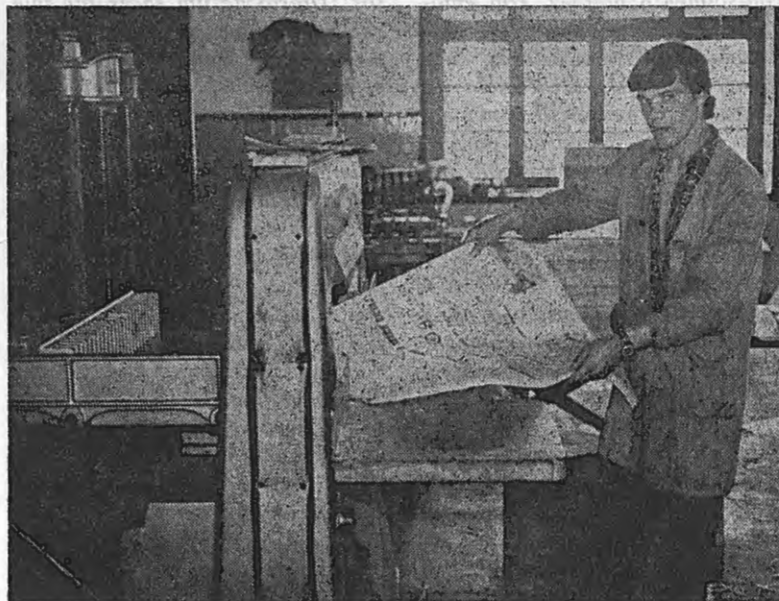
De Lisboa, 20\$00 de Eduardo, «com oração pela conversão de pessoa de família e por uma sobrinha» que, nesta hora, já fez «as provas escritas do 5.º ano». Felicidades!

O assinante 21927 manda 100\$00 «para os Pobres da Conferência por uma graça concedida» e outros 100\$00 «para o que necessitarem».

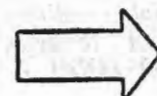
De Vancouver — Canadá, uma presença habitual, com uma delicadeza fantástica!

Herminia com 20\$00, frizando: «sempre que me seja possível enviarei mais algum, mas só quando Deus sabe...»

De Lisboa, 20\$00 de Eduardo, «com muita amizade». Retribuímos na mesma medida.



O Zé e a guilhotina da nossa Tipografia, num dia de céu limpo. É assim o Zé, bem disposto!



SETÚBAL

Eu tive a felicidade de ser cireneu das Irmãs do Asilo Paula Borba desta cidade na última estação da «via sacra» a que foram submetidas por ondas de ódio e de violência, desencadeadas pela mentira e pela calúnia.

Enquanto aguardava o exame médico aos olhos de seis dos meus rapazes, numa sala próxima do referido asilo, apercebi-me do que se passava pela propaganda que ali se fazia,

Mais 100\$00 da assinante 11162, que nos diz:

«Junto envio esta migalhinha, que tão pequenina é, para aquilo que eu gostava de oferecer. Mas, Deus vos ajude para que esta, junta a outras, vá minorando, na medida do possível, aqueles nossos Irmãos que têm menos do que nós.»

Da rua Alexandre Herculano — Lisboa, coube-nos 100\$00 para continuarmos «a botar a mão a quem precisa». São de «Uma velha Amiga», a quem retribuimos o abraço com muita amizade.

Mais 20\$00 dos Amigos de D. António Barroso, um grande Bispo que «trabalhou imenso pelo bem da Humanidade».

Finalmente, dez notas que uma «antiga Assinante de «O Gaiato» recebeu de Deus a inspiração de nos enviar», por intermédio de um sacerdote da Guarda. Destinámos metade às despesas correntes da Conferência e a outra metade ao Património dos Pobres.

Em nome dos nossos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

SETÚBAL

Eram 22 h. e 13 m. do dia 16 quando, sentado sobre a minha cama, me senti inquieto, incapaz de dormir, descansando a fadiga causada durante o dia.

Dei voltas na camarata..., desci até ao lago no centro da parte principal de nossa Casa..., fui à cozinha, ao refeitório..., fui até ao campo de futebol, de onde reconheci (embora escuro estivesse a noite), os canteiros de arroz, fruto do trabalho de muitos rapazes..., e, cansado de tanto percorrer, voltei até à camarata onde encontrei o Adelino já deitado. Ao vê-lo, senti vontade de também me deitar, mas qual quê... Algo me tornava incapaz de descansar.

Vendo que não conseguia descansar, de novo desci até ao refeitório onde, entretanto, pela porta principal, deparei com o lindo quadro que representa o encontro de Cristo, após

onde o que há de mais ignóbil era atribuído às Religiosas. Estive à porta a ouvir com três Irmãs da mesma Congregação que trabalham no hospital, toda aquela série de insultos que só enxovalhavam quem os proferia e apoiava. As Irmãs, cá fora, não puderam sequer comunicar às outras que estavam ali dispostas a comungar em tudo o que pudesse acontecer.

Depois da consulta médica dos meus e de os ter levado a

Sua Ressurreição, com uns Discípulos de Emaús e, ao canto esquerdo, o retrato de Pai Américo.

Ao vê-lo, logo senti algo estranho e, sei lá porquê, ainda mais cansado. ... se a noite convidava ao descanso...

Cambaleante, subi os degraus da escada que dá acesso ao corredor que, por sua vez, dá acesso à camarata dos médicos e à camarata a que pertenceço.

Já me preparava para deitar quando, depois de ter relido uma carta que anteriormente tinha escrito, pensei em Pai Américo, dizendo em voz baixa, como se ele me ouvisse: «tu te fizeste pedinte por mim; tu me deste uma Casa... Será que nem tão pouco mereces, de minha parte algo mais que de ti me lembrar?..»

Depois, pegando na esferográfica e no bloco que anteriormente tinha guardado, fiz este poema pobre para um Pobre chamado PAI AMÉRICO:

Na escuridão da noite
Eu te recordo, Pai.
Recordo-te com alegria
Mas eu estou triste,
Triste por ser tão pouco
O que te ofereço neste dia,
Em que se comemora
O 19.º aniversário
Do dia em deixaste a vida
E partiste para a Vida
Tinhas (salvo erro) 68 anos
Quando partiste...
Há dezanove anos...
Ainda eu não sabia de vida
E já pensavas em mim, Pai...
Oh!, mas eu choro,
Choro porque reconheço quanto mal
te fiz
Recordo ter riscado a velha pedra
Onde diz Casa do Gaiato...
Por isso eu choro...
Reconheço que ao riscar a velha pedra
Estava riscando teu nome,
Estava riscando o que construiste
Para mim...
E muito mais eu fiz...
Perdoa-me, Pai,
Pai dos filhos da Rua...

Em breve, o sono e o cansaço eram insuportáveis e, lentamente, eu me deixei adormecer, deixando por acabar a pequena oferta a Pai Américo.

João Maria

Casa, voltei para sofrer com quem sofria. Foi na hora de Deus. As Irmãs eram vítimas de tudo e sê-lo-iam de mais se a nossa carrinha ali não estivesse. Quando levantei os braços para as proteger, fui ameaçado de força.

É belo experimentar a viva assistência do Espírito em momentos tão altos. Ainda mostrei as minhas mãos calejadas aos que me chamavam sanguesuga e parasita, mas não tive mais nenhuma fraqueza. Lembrei-me tanto das cenas violentas da Paixão de Cristo!

Após algum tempo em que a

carrinha foi barricada pela população em delírio aos murros ao carro e em insultos de toda a ordem, conseguimos sair daquele inferno.

As Irmãs serviam naquela instituição há mais de três dezenas de anos. Recordo-me de me terem falado há muito tempo em 2\$70 (vinte e sete tostões) diários para sustentação de cada Pobre. Ultimamente a situação modificara-se. Mas não vai longe a data em que recebiam simplesmente 400\$00 mensais. Os pobres anciãos que ali se acolhem, ou não têm família, ou nunca a tiveram, ou foram ali depositados por ela.

A sociedade está cheia de chagas. Não é fácil sará-las. O homem não é uma máquina. Todos os trambolhões que dá ou recebe se refletem na sua personalidade. Quantos saborearam carências e hoje vivem numa revolta permanente? Quem é capaz de paciência, de carinho e de perseverança sem os olhos da fé e a esperança no Amor?, quem? Também eu

e todos os que vivemos há longos anos com o jugo dos Pobres, desejávamos não só que as instituições fossem modelos de convívio e felicidade humana, mas mais ainda que elas desaparecessem por desnecessárias!

Passar com pessoas idosas seis meses, um ano, será possível sem a fé. Mas uma vida inteira e as vinte e quatro horas do dia, a história não regista.

Pelo caminho até Lisboa onde com elas celebri a Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor, ouvi das suas bocas, em catadupas de alegria e de lágrimas, a confirmação da sua fé. Enquanto na minha memória soava a Palavra do Senhor: «Bemaventurados sereis quando vos insultarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o género de calúnias contra vós, por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque grande será a vossa recompensa nos Céus».

Padre Acílio

Do que nós necessitamos

Mil escudos, na visita anual que nos faz o «Grupo Motorizado Boa-Nova de Mazarefes». Assinante de Rio Tinto, com 300\$ de dois meses. Da gerência e Trabalhadores de Cruz Valente, L.da, vale de 2.000\$. De S. Pedro de Fins, 100\$. Mais 50\$ de Caldas da Rainha. 500\$ de Bagunte. Dez contos de Monção. Ass. 12844, com roupas e 500\$. De Fátima, 6.280\$. Sazedas com 100\$. Dum aumento de ordenado, 300\$. Ass. do Seixal, com 250\$. Por alma de João Cardoso, 100\$. «A promessa que a minha gratidão não esquece», 200\$. E informamos ter recebido sempre suas notícias.

Lecista da Figueira, com 190\$, lembrando o Dia da Mãe. 100\$ do Porto. Cheque de 10 contos, de Lisboa. «Dois irmãos unidos», com 1.600\$. Praza Deus que essa vossa amizade perdure para sempre! «Por alma de meus Pais e meus sogros», 500\$. Fernanda, de Vouzela, com 50\$ por uma graça alcançada por intercessão de Santa Marta. Deolinda com 50\$, por alma de seus Pais. 500\$ da Salsicharia Nova. Rosa com várias presenças. Duma promessa, 58\$10. Por alma de Maria Joaquina, 300\$. Notícias de dois meses, da «Mãe que crê em Deus». De Leiria, 50\$. Senhora de Madalena — Gaia, juntou entre várias pessoas, 2.000\$, que nos veio trazer com muita alegria.

De Valongo, 300\$. E de Baião, 100\$, «com muita amizade». Anónima com 500\$. Da Calçada da Estrela, 75\$. E da «Avó de Moscavide», cuja presença nestas colunas, há muito não víamos, 100\$. E oxalá possa vir mais vezes, com saúde e alegria.

Da Comissão do Nicho de N.ª S.ª da Conceição, do Mercado do Bolhão, 2.000\$. Do Porto, 100\$. Uma máquina fotográfica, de Aveiro. Helena de Lisboa, com 500\$. Por alma de Manuel, 50\$. Mais o saquinho, com as migalhas das Costureiras do Hospital de Santo António. Anónimo de Valbom, com 300\$. Celeste com 100\$. A mensalidade habitual, em selos de correio, que nos chega da Amadora. Umhas calças, de Paião. Selos usados, do Porto. Os 1.000\$ mensais, da Rua António Cardoso. Do Fundão, várias presenças. Da Escola Primária da Estrada — Cambeses, 292\$50, a quando do passeio escolar a esta Casa. Da «Senhora do S. João», 1.300\$, produto do mealheiro dela e de vizinhos. «Obra de Deus, para os Pobres», os 50\$ do mês. Castelo Branco, com 100\$.

«Ao fazer 54 anos matrimoniais, envio 200\$ como lembrança embora pequena.» O Senhor permita viver muitos mais, em paz e saúde.

Assinante de Murça, com

100\$, para «qualquer necessidade». Velha assinante de Monte Estoril, aparece mensalmente com promessa de 100\$. Avó de Coimbra, com 220\$, primeiro dinheiro ganho por uma neta. Amiga da Casa do Gaiato, de Fátima, vale de 500\$. Três contos e esta carta:

«Queridos amigos

Mais uma migalha para ajudar a vossa Obra. Dareis ao dinheiro o destino que entenderdes pois só vós sabeis aonde é maior a necessidade. Desde que seja para ser aplicado para bem dos Pobres e Abandonados, que ainda nada lucraram com o 25 de Abril, ficarei sempre contente e em paz.

Que Deus vos ajude, pois bem o mereceis, pois sempre fosteis e sereis os maiores socialistas de Portugal, sem alardes nem exigências, antes vivendo dentro da liberdade respeitada e respeitadora que é a única que nos poderá levar à Paz e Justiça.

Um abraço duma
assinante do Porton

Obrigado.

Manuel Pinto

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T.A.P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

«A verdade é revolucionária»

EMPATOCRACIA

Diz-se, por aí, à boca cheia, que «a verdade é revolucionária».

A bem da res- publica, servimo-nos da citação por via da empatocracia.

Há problemas, neste País, tão importantes, tão simples de resolver, que os homens prendem nos gabinetes para se cumprir a burocracite oficial ou oficializada, com gravíssimo prejuízo dos cidadãos — e do próprio País que nós somos, todos.

Não está certo! Aí vai mais um caso concreto:

Topámos outro Auto-Construtor. Um moço de 25 anos. Casado. Psicologicamente introvertido. Envergonhado. Tem já uma filha tão linda!

É Servente num departamento oficial. Até há pouco, ganhava só uma côdea. Mas, agora, passa dos cinco mil escudos, limpos.

Comprou terreno para a sua moradia. 350 m² por vinte contos.

— Dez contos meus, outros dez da minha sogra.

Será uma casa de r/c, 3 quartos, sala, cozinha e WC.

Conversámos uma longa hora, partilhada de experiências!

— Tenho um grupo de Pedreiros que me vão ajudar, nas horas vagas. Eu não perco tempo... Como trabalho por turnos, quando me calha a noite, sacrifico-me no dia seguinte e já abri os alicerces...

Sacrificib revolucionário! A moradia não vai ser de granito:

— Fui comprando os blocos a pouco e pouco. Lentamente...

— Já tem blocos suficientes?

— Sim senhor.

— E os materiais?

— Há um individuo que me vai fornecer o cimento e pagarei a prestações...

— Dinheiro?

— Vamos pedir a pessoas amigas.

A mulher estava ao lado, com a filha ao colo. Mais expedita. Mais viva!

— Sabe? Ele é um envergonhado. Eu é que o vou tocando, porque nós precisamos duma casa... Temos areia, blocos e fomos comprando a maior parte dos materiais ôs poucos... Chegámos ao ponto:

— O projecto da moradia?

— Custou-me dois contos.

— Requereu à sua Câmara licença de construção?

— Ainda não.

— Então, traga o modelo oficial para seguir uma carta sobre o caso, a ver se...

E explicámos:

No mês de Abril, salvo erro, numa sessão dita de esclarecimento oficial, interpelámos o responsável duma autarquia sobre dificuldades e licenças e impostos; a empatocracia que bloqueia, à nascença, iniciativas de Auto-Construtores deste País que necessita de dezenas e dezenas de milhares de moradias para Trabalhadores.

Sabemos que as licenças cobradas são um feudo do Código, defendido com unhas e dentes!

— Desde que nos exponham os problemas, nós podemos fazer um abatimento às licenças...

Assim a modos como na «lei da oferta e da procura!» Santo Deus...!

Analisámos, ao cru, factos incontroversos. E saltámos para o domínio dos projectos de moradias de Auto-Construção:

— Nos jornais, vemos que algumas Câmaras oferecem projectos aprovados. E no conselho...?

— Já os podemos ceder.

— Por cá, sr. presidente, senão toda, quase toda a população desconhece o benefício! Porque é que os senhores não aproveitam estas sessões de esclarecimento para dar a notícia?!

Silêncio. E continuou a magistral li-

ção sobre comissões de moradores...!

Daí para cá, em nossa roda, temos feito constar a história dos projectos. Até que, hoje, como salvaguarda, perguntámos a este Auto-Construtor — é mais um! — se havia solicitado a planta à sua Câmara Municipal. Respondeu que não — admirado:

— Eu não sabia nada disso! Lá se foram dois contos...

Não estivemos com meias tintas. «A verdade é revolucionária!» Pelo telefone, inquirimos delicadamente, oficialmente, na repartição o que haveria sobre projectos para os Auto-Construtores.

O funcionalismo cafu das nuvens!

Novos Assinantes de «O GAIATO»

Os nossos Amigos já sabem, porque não escondemos nada, que efectuámos mais uma cíclica depuraçãozinha entre os Assinantes de quem não temos notícias há mais de 8 anos, a maior parte dos quais domiciliados no Ultramar.

Eliminámos centenas de atrasados por vários motivos, sobretudo por razões d'ordem económica: o preço da avença, do papel, o actual custo de qualquer edição!

Evidentemente, como não há jornal sem leitores, nem leitores sem jornal, todos os órgãos de Comunicação Social, duma maneira ou doutra, mais clara ou mais escura, todos eles, dizíamos, são obrigados, pela própria vida do jornal, a recrutar novos leitores.

Nunca nos repugnou esta acção, que consideramos tão indispensável como fazer o jornal. E temos bastas razões: particularmente a imensa legião de Amigos que dizem conhecer a nossa Obra, mas precariamente.

Hoje, por exemplo, hate-nos à porta um cavalheiro, jovem. Não teria mais de 40 anos. Falámos. Falámos muito! «Eu já conheço a vossa Obra há muito tempo, mas...», acrescentámos nós, «deficientemente». Deu-nos razão. «Eu só conhecia pelo que ouvia de pessoas amigas...» Tivemos a coragem de perguntar se lia «O GAIATO», se conhecia as obras de Pai Américo, da nossa Editorial. Que não. «Eh! são tantas!» E esclareceu: «Eu quero adquirir todos os livros aos poucos».

Inscreveu-se como Assinante. «Vou saber notícias da Obra de quinze em quinze dias. Agora, sim; agora é que vou conhecer perfeitamente a Obra do Padre Américo. Esta vossa Casa de Paço de Sousa é um mundo!» Informámos ainda este

— Não sabemos nada disso! É melhor falar ao senhor engenheiro...

— Por favor, ligue ao sr. presidente.

— Não está.

Falámos ao substituto:

— V. lembra-se...?

— É melhor tratar com a secção técnica. Vou ligar.

Ao engenheiro formulámos duas perguntas inocentes:

— (...) Como se processa a cedência de projectos para moradias de Auto-Construtores? Que tipos de projectos há em vosso poder?

— Ainda não os temos. O pedido seguiu num officio, há dois ou três dias, para a Comissão de Planeamento...

— Vão demorar?

Amigo das outras dependências, na Europa e na África. «Esta Obra é um caso sério!»

Lá se foi contente, com a filha pela mão. «Esta Obra é um caso sério!»

Procurou-nos, ainda, um homem já na curva da vida; eliminado de Assinante há dois ou três anos, pelo silêncio de muitos. «Venho arrumar o atrasado; pôr as contas em dia...» Procurámos a ficha. Inventámos processos para detectar a assinatura. Não foi possível! «Já não recebo o jornal há muito tempo — por minha culpa. Enquanto for vivo não tornará a acontecer coisa igual! Inscreva já o meu nome outra vez. E fica um ano adiantado...» Que delicadíssima auto-crítica!

Hoje, a precissão, que respira a Boa-Nova de Jesus de Nazaré por todos os poros, além de uma grossa coluna de novos Assinantes tem outras afirmações ou apontamentos que não poderiam ficar no fundo da gaveta. Como aquela Tia, de algures. Letra difícil, mas, quando a alma fala, eclipsa todas as limitações:

«(...) Tenho duas sobrinhas pequenas. Outro dia, falando de «O GAIATO», elas mostraram vontade de ser Assinantes, mas as Mães não lhes de-

— Eu conto recebê-los na próxima semana. Deve haver vários tipos, mas ainda não vi nenhum.

— Quando receberem as plantas é vossa intenção esclarecer, realmente, por todas as formas, os interessados? Até por intermédio dos Párocos, por exemplo? De contrário, sacrificáramos um grupo e fariamos o serviço...

— Sim, é possível...

No meio de toda a empatocracia e como a «verdade é revolucionária» e as conclusões do caso vertente mais do que evidentes, poderíamos comentar uma série de coisas. Mas ficamos só em mais uma pergunta inocente: porquê o Ministério respectivo não ordenou à Comissão de Planeamento a remessa imediata de 5, 10, 20... projectos para cada edilidade; não sendo preciso — as que se interessam... — pedir os ditos directamente à Comissão?!

Empatocracia! Até quando?!

Júlio Mendes

RETALHOS DE VIDA

O «MENO»



Sou natural de S. João da Madeira, onde nasci a 27 de Março de 1958.

Tinha 3 anos quando minha Mãe arranhou a pôr-me na Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Somos 4 irmãos; um faleceu em combate, na Guiné, o «Quim Pançudo».

Quando vim para cá fui para a casa-mãe e para o grupo dos «Batatinhas». Depois, passei para a lenha. Ainda estive na rouparia. E agora, encontro-me no campo e tenho como chefe o Serafim.

Fiz o exame da 4.ª classe e, em seguida, pedi para continuar a estudar. Encontro-me, presentemente, no 1.º ano da Telescola.

Já fui vendedor do nosso jornal...

Para todos os simpáticos amigos que lêem «O GAIATO» envia um forte abraço o

Arménio Ferreira



PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa